



SANDRA PESAVENTO E A GRANDE PERGUNTA

Carla Simone Rodeghero*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

carlasr@cpovo.net

RESUMO: Este artigo analisa parte da trajetória intelectual de Sandra Jatahy Pesavento chamando a atenção para a recorrência, na produção da historiadora, de perguntas voltadas para o entendimento da forma como os indivíduos interpretavam o mundo em que viviam. Alguns trabalhos de sua autoria, distribuídos no período que vai de 1994 a 2007, ajudaram a sustentar a hipótese sobre a centralidade destas perguntas na obra de Sandra Pesavento.

PALAVRAS-CHAVE: Sandra Pesavento – Nova História Cultural – Imaginário – Representações

ABSTRACT: This article analyzes part of Sandra Jatahy Pesavento's intellectual history drawing attention to the recurrence, in the production of the historian, of questions aimed at understanding the way people interpreted the world in which they lived. Some works of her authorship, distributed in the period from 1994 to 2007 helped support the hypothesis about the centrality of these questions in the work of Sandra Pesavento.

KEYWORDS: Sandra Pesavento – New Cultural History – Imaginary – Representations

A escrita deste artigo, que lembra e homenageia a professora Sandra Jatahy Pesavento, foi marcada pela releitura dos seus textos, pela evocação de lembranças sobre suas aulas, sobre suas palestras, sobre sua rica trajetória de pesquisa e, ainda, sobre seus esforços de articular pessoas e de construir o campo da História Cultural.

Quem acessar o Currículo Lattes de Sandra encontrará ali o registro de uma incansável e empolgada trajetória de pesquisa. Algumas pessoas, entre as quais me coloco, tiveram a possibilidade de acompanhar parte desta caminhada e foram instigadas e influenciadas pelas reflexões desta historiadora. É sabido que nos quase quarenta anos de produção acadêmica, Sandra Pesavento se empenhou no estudo da industrialização e da formação da burguesia gaúcha na República Velha, passando pelo

* Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e professora adjunta na mesma instituição.

processo da Abolição da Escravatura e pelo estudo dos excluídos na virada do século XIX para o XX, para, então, se dedicar por muito tempo às questões colocadas pela cidade. Ao longo deste processo, Sandra afastou-se do referencial marxista que inspirava seus primeiros trabalhos para, aos poucos, adotar e ajudar a construir o arcabouço teórico e metodológico de uma Nova História Cultural. Esta construção – os que conviveram com ela concordarão comigo – foi tomada, muitas vezes, como uma missão, como tarefa a ser desenvolvida frente àqueles e àquelas que não consideravam tal abordagem relevante ou consistente. Uma viagem pelo Lattes de Sandra permite, também, datar o início de sua “militância” pela História Cultural. Desde 1992 os projetos de pesquisa que nossa autora desenvolveu passaram a tematizar as representações do urbano, conjugadas com as questões da cidadania e da exclusão social. Aos poucos, tal interesse passou a ser conjugado com a eleição da literatura como objeto e fonte de pesquisa. Mais recentemente, seus estudos foram direcionados para o campo das sensibilidades, momento em que Sandra parece ter alcançado uma síntese para suas reflexões de longa data a respeito da possibilidade dos historiadores captarem o que aconteceu no passado.

Sandra teve preferências temporais, temáticas, teóricas e metodológicas que podem ser captadas a partir da retomada de sua vasta produção. Seu tempo foi preferencialmente a passagem do século XIX para o XX. Seus temas privilegiados foram o espaço urbano e a exclusão. Seus conceitos mais caros foram os de representação e de imaginário. A ênfase no simbólico marcou sua pesquisa. Entre as fontes que ela elegeu, destaco a literatura, as crônicas, o traçado urbano, os relatos de viajantes, os documentos oficiais da municipalidade, os jornais. Entre as diferentes perguntas que podem ter guiado sua labuta de historiadora, uma me parece central: como o real é definido? Ou, dito de outras maneiras: como é dado a ler? Como é lido? Que relações poderiam ser traçadas entre o que “realmente” existiu e aconteceu e as formas pelas quais esta realidade foi apropriada, interpretada, construída?

Para demonstrar porque considero que estes questionamentos foram centrais na produção de Sandra Pesavento, passarei a apresentar alguns excertos de trabalhos seus, que permitem ver o mesmo tipo de pergunta orientando sua leitura de temáticas e de fontes variadas. Tudo isso servirá para, sinteticamente, demonstrar a importância que tais questões tiveram na minha própria formação profissional.

Em 1994, um artigo de Sandra fez parte da coletânea **Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade**.¹ Ali, a historiadora propunha “um novo olhar sobre a cidade”. Este olhar seria possibilitado pela Nova História Cultural e pelos estudos do imaginário que surgiam num contexto de crise dos paradigmas e da escrita da história. No artigo, a historiadora fala sobre seu próprio tempo: o final do século XX que, diferente da virada anterior de séculos, “[...] viu morrer as certezas normativas do discurso científico unitário sobre o homem e a sociedade global. Não há mais crença em modelos ou teorias universais que dêem conta da complexidade do real”.²

Neste contexto, segundo Sandra, o progresso, a ciência, a razão deixaram de fornecer certezas para o devir histórico; as ciências humanas entraram num processo ao mesmo tempo de segmentação e de interdisciplinaridade. Isso foi contemporâneo à falência dos regimes socialistas e das promessas capitalistas de equacionar as questões sociais. Em termos historiográficos, a crise do marxismo e a incapacidade de se escrever uma História total, como havia sido proposta por Braudel, abriram espaço para o investimento no estudo da cultura. Assim, nos anos 1980, já estaria consolidada uma nova história cultural, herdeira das experiências da história social nas décadas anteriores e se distinguindo da história das idéias e mesmo da história das mentalidades.

De acordo com Sandra, tanto os neo-marxistas ingleses quanto os representantes da *École des Annales* já vinham se dedicando às abordagens culturais, “[...] indo das práticas às representações, cruzando formas de agir e pensar, resgatando a forma pela qual relações sociais concretas e materiais eram traduzidas em termos de cultura e incorporadas através de valores, idéias e normas institucionais”.³ Ou seja, vislumbrava-se aí uma novidade, no cruzamento entre realidades “concretas” e suas traduções. Isso tinha como consequência pensar a história de maneira mais aberta, não buscando correlações evidentes ou necessárias entre “a realidade” e a forma como a mesma era apreendida. Adotando esta postura, Sandra postulava, então, que a história abdicasse do propósito de atingir uma verdade científica e única. A disciplina deveria se

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano. In: MAUCH, Cláudia; et al. **Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade**. Porto Alegre/ Canoas/ São Leopoldo: Ed. da UFRGS/ Ed. Ulbra/ Ed. Unisinos, 1994, p. 126-143.

² Ibid., p. 127.

³ Ibid., p. 129.

abrir para um leque de possibilidades, reconhecendo a presença da subjetividade e a necessidade do relativismo.

Foi esta abertura que permitiu que a historiadora dirigisse novas perguntas para a temática do urbano. Para além das análises que veiculavam o fenômeno urbano ao desenvolvimento do capitalismo, à concentração das riquezas, aos conflitos de classe, às modificações impostas pelos homens à natureza, ao processo de disciplinarização dos habitantes da cidade – temas que Sandra havia enfrentado nos seus estudos acerca de Porto Alegre –, ela optou por focar o imaginário social sobre a cidade. Como a cidade se apresentava para uns e para outros? Para responder a tal questão, Sandra contrapôs discursos e imagens que associavam a cidade a pesadelo e a sonho, que a tomavam como lugar da cotidianidade e como espaço para o sonho, como lócus da liberdade e, ao mesmo tempo, como espaço susceptível à disciplinarização; como espaço que possibilitava a convivência e o anonimato. Neste esforço, ela se dedicou a reconstruir “[...] o conjunto de idéias-imagens de representação coletiva, o imaginário urbano”.⁴

Neste mesmo 1994, quando foi publicado o artigo acima, conheci pessoalmente Sandra Pesavento. Neste ano, iniciei o curso de mestrado em História na UFRGS. Entre as principais preocupações teóricas que atravessavam suas aulas e as de outro(a)s professore(a)s da pós-graduação estavam a crise dos paradigmas e o advento da pós-modernidade. Em meio às intermináveis leituras para a preparação dos seminários, nós, os alunos e alunas, tínhamos que decidir por uma das posturas em disputa: aquela que via com bons olhos as transformações historiográficas em curso e aquela que alertava para os perigos que a pós-modernidade estava trazendo para a história. Como é de se imaginar, Sandra defendia a primeira delas. Tratava-se da radicalização do embate teórico frente às mudanças em curso.

As discussões realizadas na disciplina ministrada por Sandra Pesavento, no primeiro semestre de 1994, foram fundamentais para que eu vislumbrasse um objeto e um problema de pesquisa. Explorando órgãos da imprensa católica que circulavam no Rio Grande do Sul nas décadas de 1940, 1950 e 1960 e documentos oficiais da Igreja percebi um forte presença de argumentos anticomunistas. Algum conhecimento sobre a política rio-grandense no período me indicava que este discurso era exagerado. Ouvindo

⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano. In: MAUCH, Cláudia; et al. **Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade**. Porto Alegre/ Canoas/ São Leopoldo: Editora da UFRGS/ Ed. Ulbra/ Ed. Unisinos, 1994, p. 135.

Sandra Pesavento, e acompanhando a bibliografia que ela trabalhava, comecei a transformar este estranhamento em problema de pesquisa. Nossa professora defendia brilhantemente em suas aulas que certas representações podiam ter alto grau de mobilização social, mesmo quando não tivessem correspondência com realidades palpáveis. Aos poucos, começaram a fazer sentido para mim, as discussões sobre representações, como aquelas apresentadas por Roger Chartier em um artigo publicado na revista **Estudos Avançados**, no início da década de 1990. Também foram instigantes os textos compilados por Lynn Hunt, em **A nova história cultural**,⁵ boa parte dos quais discutimos em aula. Ao mesmo tempo, tínhamos acesso à produção de Sandra Pesavento, que nos revelava a forma como a história cultural estava ajudando a colocar novos problemas para o estudo de questões relativas à história do Brasil e especialmente do Rio Grande do Sul. Foi o caso, entre outros, de textos que introduziam o uso do conceito de imaginário e que dialogavam com a obra de Walter Benjamin, autor muito caro à historiadora.⁶

Voltando ao meu tema de pesquisa, devo dizer que todas estas leituras e a discussão em aula ajudaram a inferir que o medo difundido e sentido em relação ao comunismo não tinha, necessariamente, relação direta com a possibilidade de que os comunistas tomassem o poder ou que pudessem influenciar nas decisões políticas. Esta falta de correspondência, por sua vez, tornava mais instigante a pergunta inicial e dela outras surgiram: que elementos seriam mobilizados para fazer crer que o comunismo – no tempo e no espaço em questão – representava um perigo? Que imagens eram mobilizadas nos textos anticomunistas? Que relação havia entre ser católico e combater o comunismo?

Os questionamentos antes elencados guiaram a pesquisa e me fizeram encarar o anticomunismo católico como a construção de um imaginário que, com o auxílio de diversos recursos, demarcava o campo dos “inimigos” do catolicismo e da civilização ocidental, inimigos representados por aqueles que eram tidos como comunistas ou por aquilo que era encarado como comunismo. A pesquisa revelou representações nas quais

⁵ HUNT, Lynn Avery. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Editora, 2001. 318 p.

⁶ Posteriormente, os textos discutidos em aula, foram publicados:

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em Busca de Uma Outra História: Imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

Id. O Desfazer da Ordem Fetichizada: Walter Benjamin e o Imaginário Social. **Cultura Vozes**, São Paulo, v. 89, n. 5, p. 34-44, 1995.

o tema da expansão do comunismo aparecia vinculado à descristianização da sociedade. Permitiu captar propostas para enfrentar o “avanço vermelho” baseadas no reforço de certos comportamentos e da fidelidade à moral católica. Às fontes mencionadas (imprensa e escritos da hierarquia católica) foram acrescentados alguns depoimentos orais, com antigos leitores dos jornais católicos que serviam de fonte. O uso de entrevistas visava captar de que forma o público-alvo das campanhas católicas percebia este combate ao comunismo.

Concluída a dissertação, permaneceu o interesse em aprofundar as investigações sobre a recepção e a reelaboração do anticomunismo pelas “pessoas comuns”, fiéis da Igreja Católica e por membros do clero, que haviam sido leitores dos jornais católicos com os quais eu já havia trabalhado. Tais investigações tiveram continuidade com o ingresso no curso de Doutorado em História, na UFRGS, em 1998. A partir daí estive mais próxima de Sandra Pesavento, que passou a me orientar.

Cursei, no primeiro semestre de 1998, uma disciplina que Sandra nomeou de uma maneira provocativa: **Nem verdadeiro, nem falso: imaginário**. Discutindo uma grande variedade de autores, ela propunha a exploração do conceito e nos fazia pensar na sua operacionalidade para a pesquisa. As leituras de Cornelius Castoriadis e de Bronislaw Bazcko me ajudaram a refinar o que eu entendia por imaginário anticomunista católico, e a defini-lo como uma construção engendrada na relação entre sua produção e sua recepção, tendo como base determinadas comunidades de sentido. Ele não se reduziu a uma construção *de cima*, recebida pelos *de baixo*. A diversidade tanto do campo da produção, quanto do da recepção fizeram-no uma construção conjunta, mediada, negociada, conflitiva e às vezes contraditória.

Como se vê no excerto acima, ao longo do doutorado, avancei, com o auxílio de Sandra, na problemática da recepção. Em termos sintéticos, queria entender se a pregação anticomunista “pegava” e como isso acontecia. As reviravoltas da vida e o incentivo de Sandra me possibilitaram fazer um estágio nos Estados Unidos, na Universidade de Maryland, com uma bolsa de Doutorado Sanduíche, sob a orientação de Barbara Weinstein. Na época, lembro de ter pensado que não existia melhor lugar para estudar anticomunismo do que nos Estados Unidos. Realmente. Para além do objetivo inicial de ter um contato com a historiografia norte-americana sobre o tema, fui orientada a pesquisar a documentação diplomática sobre o Brasil, guardada nos *National Archives*, nas proximidades da universidade. Encontrei vastas possibilidades

de estudo a partir da correspondência que os postos diplomáticos norte-americanos sediados no Brasil – no recorte temporal que eu estudava (1945-1964) – enviavam ao Departamento de Estado, em Washington. O tema do anticomunismo estava muito presente. Encontrei aí, registros de um “outro” que olhava com interesse e, às vezes, com espanto, para as práticas anticomunistas brasileiras. Era uma oportunidade inesperada para captar, à moda de Sandra, “como a realidade era lida”. Tal pergunta deu origem a outras, mais específicas: como a realidade sobre o comunismo e o anticomunismo era construída pelos funcionários norte-americanos? Que concepções particulares desses grupos informavam suas leituras sobre o Brasil? Como as representações sobre o perigo comunista e sobre os esforços para combatê-lo, no Brasil, revelavam a identidade atribuída aos brasileiros e, ao mesmo tempo, aos próprios norte-americanos?⁷

Voltemos, agora, àquela problemática considerada como central na obra de Sandra: como a realidade é lida? Em 1999, nos anais do XX Simpósio Nacional de História, realizado em Florianópolis, ela publicou um texto sobre as fronteiras entre a história e a literatura.⁸ Naquele momento, a historiadora estava interessada em problematizar as fronteiras entre as duas disciplinas e em polemizar com aqueles que viam com reservas as práticas interdisciplinares que ganhavam espaço na produção do conhecimento histórico. No artigo em questão, Sandra demonstra que o texto histórico comporta ficção, assim como o texto literário investe na contextualização e, muitas vezes, se cerca de documentação comprobatória, à moda dos relatos históricos. A história, como sustenta Paul Veyne, tem como conteúdo “um real acontecido”. Dentro desta lógica, segundo Sandra, “[...] os historiadores ainda se empenham em conferir à sua versão do passado o estatuto da explicação mais justa, correta... verdadeira, enfim”.⁹ A preocupação com as estratégias argumentativas e com os rigores do método controla a escrita da história. Ao historiador, identificado como “viajante no tempo”, Sandra atribui o seguinte desafio: “[...] como recuperar para os leitores de hoje – e para si

⁷ O resultado da pesquisa nos Estados Unidos pode ser visto em: RODEGHERO, Carla Simone. **Capítulos da Guerra Fria: o anticomunismo brasileiro sob o olhar norte-americano (1945-1964)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

⁸ PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Fronteiras da ficção: diálogos da literatura com a história. In: NODARI, Eunice; PEDRO, Joana Maria; IOKOI, Zilda (Orgs.). História: Fronteiras. **XX Simpósio da Associação Nacional de História**. Anais do XX Encontro Nacional de História, São Paulo, 1999, vol. II, p. 819-831.

⁹ Ibid., p. 821.

próprios, em primeiro lugar - as motivações e os imaginários que guiavam as ações dos homens de uma outra época?”.¹⁰ Neste esforço de recuperação, ela chama a atenção para a importância da imaginação, mobilizada tanto pelos historiadores quanto pelos romancistas, profissionais que mantêm diferentes “níveis de aproximação com o real”, com as evidências que restaram de um tempo passado. Estas reflexões são aplicadas à comparação entre a obra de Capistrano de Abreu e a de José de Alencar, um historiador e um romancista que trabalham com a questão da identidade nacional, tema que foi enfrentado muitas vezes por Sandra Pesavento.

Uma reflexão sobre as fronteiras que separam e unem a história e a literatura cabia bem num Simpósio Nacional de História cuja temática era exatamente a das fronteiras. No mesmo ano de 1999, Sandra organizou em Porto Alegre um evento de peso, ao qual denominou, na mesma direção, Fronteiras do Milênio. Parte das reflexões nele desenvolvidas, um pouco mais tarde, deu origem ao livro homônimo.¹¹ Nele, lemos artigos de autores como François Hartog, Fernando Catroga e Roberto Vecchi, discutindo questões limítrofes entre história e memória e dando destaque para a relação entre testemunha e historiador. Os textos de Jacques Leenhardt e de Flávio Aguiar, por sua vez, tratam da relação entre globalização e identidade, tema muito presente naquele final dos anos 1990. A contribuição do artigo de Roger Chartier, finalmente, foi no sentido de avaliar as incertezas, tensões e inquietudes que marcavam o fazer histórico “nos dias de hoje”.

Um breve texto de Sandra apresenta a obra e deixa, já no primeiro parágrafo, inscrita a sua concepção sobre a história e o significado das fronteiras:

[...] todos sabemos que as fronteiras, antes de serem marcos físicos ou naturais, são, sobretudo, simbólicas. São produto dessa capacidade imaginária de refigurar a realidade a partir de um mundo paralelo de sinais, através do qual os homens percebem e qualificam a si próprios, ao corpo social, ao espaço e ao próprio tempo. Faz parte deste jogo de representações estabelecer classificações, hierarquias e limites, que guiam o olhar e a apreciação, pautando condutas.¹²

¹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da ficção: diálogos da literatura com a história. In: NODARI, Eunice; PEDRO, Joana Maria; IOKOI, Zilda (Orgs.). História: Fronteiras. **XX Simpósio da Associação Nacional de História**. Anais do XX Encontro Nacional de História, São Paulo, 1999, vol. II, p. 821.

¹¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

¹² Ibid., p. 7.

Temos, aqui, claramente colocadas aquelas questões chave que orientaram, segundo minha percepção, o olhar da historiadora: a importância do simbólico; a capacidade dos seres humanos de darem sentido a si, ao seu tempo e ao mundo ao seu redor; a relação entre as representações que guiam o olhar e as condutas adotadas. Ainda nesta introdução, Sandra toca em outros temas marcantes da discussão teórica de um contexto em que se vivia o impacto da queda do Muro de Berlim, do final da União Soviética, dos discursos triunfantes do capitalismo preconizando o “fim da História”, da onda neoliberal, da discussão sobre o apagamento das fronteiras nacionais resultante do avanço do processo da globalização. Neste quadro, Sandra questionava: “[...] afinal, em um mundo globalizado, as fronteiras se apagam e dissolvem os localismos, ou, pelo contrário, justo neste momento é que se acirram as questões identitárias?”.¹³ Esse mesmo olhar insatisfeito com as classificações simplistas da realidade fazia Sandra perguntar se o termo fronteira não poderia também fazer pensar em outras questões que não apenas nos marcos divisórios. As fronteiras, para a historiadora, “[...] também induzem a pensar na passagem, na comunicação, no diálogo e no intercâmbio”.¹⁴

A comunicação, o diálogo e o intercâmbio foram metas buscadas por Sandra ao longo de sua carreira. Isso se corporificou em uma grande quantidade de trabalhos realizados em conjunto com outros pesquisadores, geograficamente próximos ou distantes dela. A organização de seminários, de jornadas e mesas redondas; a formação do GT de História Cultural (no Rio Grande do Sul e, depois, em nível nacional); o acolhimento de orientandos de diversas partes do Brasil e interessados com temáticas variadas; o incentivo para que os orientandos realizassem estudos no exterior; a sugestão de leituras de textos ainda desconhecidos no Brasil, o empréstimo dos livros da sua fabulosa biblioteca. Estas foram marcas da atuação profissional – e afetiva – de Sandra Pesavento. Foram, ao mesmo tempo, estratégias para a construção do campo da História Cultural.

Destaco, nesta direção, a organização, a partir de 2002, dos **Simpósios Nacionais de História Cultural**, eventos realizados a cada dois anos em diferentes capitais brasileiras: Porto Alegre, Rio de Janeiro, Florianópolis e Goiânia. Na apresentação do livro que reunia as mesas redondas do evento de 2002, Sandra

¹³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001, p. 8.

¹⁴ Ibid.

constatava e propagandeava o crescimento e a institucionalização da História Cultural, “[...] a partir dos inúmeros congressos, publicações, pesquisas, dissertações e teses que dão conta desta abordagem”.¹⁵ A historiadora, naquele momento, questionava: o que une o “amplo leque de campos temáticos” e a “diversidade crescente de objetos de pesquisa” da História Cultural? A resposta, para Sandra, estaria “antes na pergunta que é feita pelo historiador”, pergunta que permite construir os temas e os recortes da realidade passada.

Mas, quais seriam as novas indagações proposta pela História Cultural? São perguntas, explica a professora,

[...] manifestas em estudar as representações que se constroem sobre o mundo [...]; em entender o imaginário [...]; em discutir o caráter da escrita da História [...]; em trabalhar a fabricação de memória e do esquecimento [...]; em resgatar no tempo as sensibilidades [...]; em entender como são produzidas estas comunidades imaginárias de sentido [...]; em analisar como são fabricados os recortes de gênero, étnicos, de cor ou etários [...], etc.¹⁶

Para Sandra Pesavento, “a aventura do conhecimento” levada adiante pelo historiador da cultura significava a possibilidade de “[...] captar a vida, os sentimentos, as lógicas dos homens de outros tempos”.¹⁷ Com estas palavras, ela sintetizou a diversidade de perguntas antes elencadas e, mais uma vez, reforçou a grande questão que, acreditamos, marcou sua trajetória de pesquisa.

Alguns anos antes do seu falecimento precoce, as reflexões teórico-metodológicas de Sandra passaram a dar ênfase ao conceito de sensibilidade. Num artigo de 2007, intitulado Sensibilidades: escrita e leitura da alma, Sandra afirmou que:

[...] sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e de seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. Sonhos e medos.¹⁸

¹⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). **História cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

¹⁶ Ibid., p. 8.

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Id.; LANGUE, Frédérique. (Orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 20.

Ela estava, nesta altura de sua vida intelectual, investindo na potencialidade do conceito de sensibilidade para captar “[...] as razões e os sentimentos que qualificam a realidade”.¹⁹ Para tanto, propôs que os historiadores atentassem para um espaço anterior ao da reflexão, o espaço das impressões e sensações quase imediatas dos sentidos, as quais são, aos poucos, ordenadas pela percepção e pelo pensamento humano. Isso implica uma reeducação do olhar para reconhecer e para valorizar, por exemplo, as emoções e as subjetividades que podem ser captadas nos registros do passado. O estudo das sensibilidades remete ao campo da estética – e aí a literatura tem o seu lugar –, mas também ao campo do político, tendo em vista que “sonhos e medos” podem ser marcos para a tomada de atitude, para a mobilização política.

Aqui é importante lembrar que o campo da história política não foi o merecedor dos maiores investimentos de Sandra Pesavento. Isso, no entanto, não a impediu de ajudar e de inspirar aquele(a)s pesquisadore(a)s cujas principais preocupações giravam em torno da política. Este foi, sem dúvida, o meu caso, nos estudos sobre o anticomunismo. Mais recentemente, as reflexões que Sandra fazia e trazia contribuíram para meus estudos sobre a luta pela anistia ao final da ditadura militar. Uma pergunta me perseguiu durante toda a pesquisa sobre o tema: qual anistia? O que os/as protagonistas desta luta entendiam por anistia? Isso me permitiu perceber a existência de diferentes concepções sobre tal medida, um dos aspectos da complexidade do tema e das campanhas em curso.²⁰

Ao mesmo tempo em que Sandra se aprofundava nas questões da sensibilidade, teve que lidar com as limitações que os problemas de saúde lhe trouxeram. Estes parecem não ter diminuído nela o desejo de conhecer, de explicar o mundo, de captá-lo pelos caminhos mais diversos e inusitados – como o da análise da sua própria experiência de coma.²¹ Ela nos deixou muitas lições e exemplos: o olhar perguntador, a disposição em contar histórias, a energia de caminhar, de conhecer e de dar a conhecer os lugares novos, a busca de novas leituras, a coragem de se aventurar pelo mundo, o

¹⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique. (Orgs.). **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 10.

²⁰ Cf. RODEGHERO, Carla Simone. A anistia entre a memória e o esquecimento. **História Unisinos**, v. 13, p. 129-137, 2009.

²¹ Cf. Entrevista concedida ao jornal **Zero Hora**, de Porto Alegre, em 10 de janeiro de 2009. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&newsID=a2361282.htm>
Acesso em: 16 nov. de 2009.

incentivo para que outros também se aventurassem. Muitas outras lições poderiam ser mencionadas, mas prefiro finalizar lembrando que ao (nos) ensinar a perguntar ela deu uma imensa contribuição pessoal e intelectual para a construção do conhecimento histórico.



www.revistafenix.pro.br